

MEU SAUDOSO PASSADO¹

Alfredo Costa²

DOI: 10.30827/dreh.v0i11.6826

Coimbra, 2015-03-06

Meu saudoso Passado,

Numa tarde de domingo, em que pela manhã tinha tido a família, como é costume, a almoçar toda junta, fiquei sozinho meditando na lei da vida. De repente, olho em redor da sala e fixo uma tesoura, como se quisesse falar comigo. Estupefacto, parei e comecei a pensar no que ela me queria dizer.

Sem me dar conta, começámos uma conversa amena e eu estava bem atento ao que a tesoura me ia dizendo, assombrado com o que ouvia. Dizia-me como me estava agradecida com o carinho com que a tinha tratado durante tantos anos e com a felicidade que lhe tinha dado quando a manipulava em linha reta ou em curvas, de onde saíam obras que eram o meu orgulho de vida. Dizia também que, tal era o meu amor pelo que fazia que, durante todos aqueles anos, nunca abdicara das minhas raízes, que só me sentia bem quando falava delas porque, no fundo, seja qual for a profissão que se abraça, todas têm a mesma finalidade – sentir que os sonhos se realizam. Por isso, pediu-me para continuar a dar-lhe atenção, porque me seria sempre fiel, para que eu continuasse a ser feliz, fazendo aquilo com que sempre sonhara.

Radiante com o que acabava de ouvir, apercebi-me de que, ao lado da tesoura, estava o velho ferro, com o peso de 5 kg, ainda a carvão, como que envergonhado com o seu peso e eu, ainda menino, a manejá-lo como se fosse um brinquedo; mas não era uma brincadeira, era já uma aprendizagem que se iria refletir pela vida fora e, ao mesmo tempo, também uma felicidade, pelo calor que me deu durante as noites de inverno, ainda à luz da candeia, pois a eletricidade só chegou à minha aldeia em 1944 e tudo isto já tinha começado nos anos trinta do século passado.

Mas não acabou aqui pois, qual não foi o meu espanto quando aparece, sem me aperceber como, a fazer as suas reclamações, muito zangado, o dedal, dizendo-me que tinha sido a primeira peça com que eu tinha contactado, mas que não sentia da minha parte a mesma ternura com que falava dos outros instrumentos que fizeram da minha vida real como que um conto de

fadas, pois tinha sido a partir dele, o dedal, que tudo tinha acontecido. Agradeceu-me muito por ainda o ter comigo, pedindo a Deus que me abençoasse.

É assim, meu querido Passado, que termina a história da importância destes três elementos que fizeram a vida de um menino, eu, como que um sonho, porque sonhava, sonhava... e hoje, com 88 anos, mantém uma vida ativa e saudável.

Com a sensação do dever cumprido, envio-te, meu Passado, um grande obrigado.

¹ *My missing Past*

Trabalho elaborado pelo autor no âmbito da Unidade Curricular de “Escrita Criativa” da *Escola de Educação Sénior do IH – Instituto Humanus*. Convidámos o autor a publicar o texto neste número 11 de DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES pelo seu mérito intrínseco e como contributo para a celebração do ano de 2017 como “Ano da Educação de Adultos”, promovido pela *Associação Europeia para a Educação de Adultos (AEEA)*. O texto é o testemunho vivo da adequação e pertinência do lema da campanha – O poder e a alegria de aprender –, que põe em relevo o potencial inesgotável da educação para promover o desenvolvimento pessoal e social de todos.



² Aluno da *Escola de Educação Sénior do IH – Instituto Humanus*, projecto de promoção e desenvolvimento da educação ao longo da vida associado à *Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra* (Portugal).